

2 de dezembro de 1.964 - 4a. feira

Nº 95

A CRÔNICA DA CIDADE

A chuva caía impiedosa e incessante sobre a cidade. A natureza como que se unindo à sua dor, vertia copiosas lágrimas que inundavam a nossa Jacarezinho. Recostado em uma cadeira, o rapazinho pensava. Lembrava de tempos outros, quando, com o narizinho esborrachado na vidraça, em seus cinco ou seis anos, apreciava a água que caía abundante dos céus... E quantas e quantas vezes a mãe, ~~puxando-o~~ puxando-o pelo braço, retirava-o da beira da calçada, no seu brinquedo inerte de fazer barquinho de papel na enchorrada, mas que quase sempre lhe trazia uma gripe daquelas... E vendo a chuva que caía, ficou a lembrar então daquela época, quando, garoto ainda, o mundo se resumia em seu lar apenas, e o dia de amanhã era uma incógnita que nunca chegava, pois o que lhe interessava era apenas o instante presente... E lembrou então quantas e quantas vezes a mãe ralhava consigo, aconselhando-o a não sair na chuva sem uma proteção qualquer, no que ele dava de ombros dizendo ser forte e que a gripe ou o resfriado não o atingiria... E dois ou três dias após, de cama e ardendo em febre, era forçado a reconhecer que a mãe, mais uma vez, como sempre, tinha razão e que ele não era lá tão forte quanto supunha... Mas, a mãe (que mãe boa a sua!) mas a mãe nem ~~recrimava~~ lhe recriminava dizendo que a culpa era dele mesmo, e só se interessava em zelar de sua saúde, fazendo de tudo para que o mais cedo possível ele pudesse levantar da cama para...
... sim! Para quê?... Para no dia seguinte continuar a dar os seus passeios irresponsáveis de garoto pequeno e sem serviço... Mas, tudo isso não importava muito à sua mãe que queria era vê-lo de pé, brincando ou correndo dela após as suas travessuras que se repetiam a todo momento... E a chuva continuava a cair torrencialmente... E em torrentes vinham também em sua mente as recordações de sua infância que já ia tão distante... E não se conteve mais... A recordação era tanta, a lembrança era tamanha e a saudade tão grande, que vendo o corpo frágil de sua mãe, abandonado sobre o caixão tosco e rude, não suportou mais e, junto com a natureza, verteu as mais sentidas lágrimas de sua vida...